

Por que você não coleciona selos como todo mundo? Velhice e objetos de coleção na trajetória de Urbano, O Aposentado

Why do not you collect stamps like anyone else? Old age and collection
of "useless" objects of "Urbano, the retired man"

Leila Beatriz Ribeiro¹
leilabrito@ig.com.br

Resumo

Pretendemos com esse artigo, a partir das tiras de Urbano, O Aposentado, discutir as coleções de objetos "inúteis", em um contexto de patrimônio e de memória social. Nas diversas coleções de "inutilidades", as memórias e as lembranças evocadas pelos objetos – muitos deles biográficos – constituem relações especulares e subjetivas no mundo reordenado de Urbano. Aquelas se transformam em possibilidades de potência e de experiências de uma vida renovada para si mesmo e para o grupo que o cerca. Viajar pelos lugares através dos cartões-postais; compartilhar com a estátua viva na praça, as músicas de sua coleção de caixinhas de música, etc. são formas de estreitamento, afirmação de uma identidade e de uma "pacífica impressão de continuidade". Essa impressão encontra-se reforçada pela "companhia das coisas que envelhecem conosco", no dizer de Bosi (1994, p. 441), já que a coleção tem o poder de representar o indivíduo, fazendo com que o objeto se perpetue como fator de ligação entre o indivíduo e o mundo que o cerca. Essas representações sob a ótica informacional propiciam chaves de leitura dentro de um quadro maior da sociedade brasileira: o de idoso aposentado. Por que não enxergar a prática colecionista de Urbano como uma metáfora de resistência ao descarte, como uma crítica aos hábitos de consumo, à morte das coisas? Se a velhice e os aposentados são categorias sociais, por que não relacionarmos os objetos de Urbano, passíveis de descarte, com algumas representações da terceira idade e do aposentado como improdutivos?

Palavras-chave: objetos de coleção, patrimônio, velhice.

Abstract

On the basis of the "Urbano" strips, this article discusses the collections of "useless" objects in a context of heritage and social memory. In the various collections of "useless things", the memories evoked by the objects – many of them biographical – are mirror specular and subjective relations to the re-ordered world of "Urbano". They are transformed into possibilities of power and experience of a renewed life for himself and for the group around him. Travelling to places through postcards; sharing with the living statue on the square the songs from his collection of music boxes, etc. are ways of narrowing, of affirmation of an identity and of "a peaceful impression of continuity". This impression is reinforced by the "company of the things that become old together with us", according to Bosi (2009, p. 441), since the collection has the power to represent the individual, making the object to be perpetuated as a link between the individual and the world around him. Under the informational perspective, these representations provide ways of reading within a larger picture of the Brazilian society, viz. the retired elderly. Why should we not

¹ Professora Adjunta IV da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Departamento de Processos Técnico-Documentais. Programa de Pós-Graduação em Memória Social. Av. Pasteur, 458, Prédio do CCH, sala 313. Urca, 22290-240, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

see the collectionist practice of "Urbano" as a metaphor of resistance to disposal, as a criticism of consumer attitudes, of the death of things? If old age and retired people are social categories, why should we not relate "Urbano's" objects, subject to disposal, with some representations of old age and of retired people as unproductive?

Key words: collection of objects, heritage, old age.

Introdução

A função social do velho é lembrar e aconselhar – menini, moneo – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. Sociedade que, diria Espinosa, "não merece o nome de Cidade, mas o de servidão, solidão e barbárie", a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa (Chauí, 1994, p. 18).

Esse artigo faz parte do projeto institucional intitulado Informação e memória no contexto de práticas culturais (Ribeiro et al., 2009), que tem entre seus objetivos buscar entender e responder a questão: de que forma ações como a de colecionar religam o sujeito ao seu mundo? Paralelamente desenvolvemos, no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, o projeto de pesquisa Mais do que posso contar: coleções, imagens e narrativas, que desde o ano de 2006 vem buscando "discutir o conceito de coleções articulado à ideia de imagens e narrativas no âmbito do simbólico e imaginário, apontando para a construção de uma trajetória de constituição patrimonial que abarque objetos visíveis e invisíveis" (Ribeiro, 2006). Dessa maneira, pretendemos com esse trabalho, a partir de tiras de quadrinhos, caracterizar as coleções de objetos "inúteis", em um contexto de patrimônio e de memória social.

Segundo Manguel (2001, p. 21), "as imagens, assim como as histórias, nos informam [...] e são a matéria de que somos feitos". Nesse sentido, busca-se problematizar a relação entre a imagem (artefato cultural), a informação (chave de leitura sobre os suportes e documentos visuais) e o patrimônio visual (reconhecimento e legitimidade dos componentes dos "regimes do visível") acerca de um personagem que traduz e representa dezenas de velhos aposentados sentados nas praças das grandes metrópoles brasileiras.

Urbano, O Aposentado nasceu no ano de 1982. Seu autor, o cartunista Antônio Silvério Cardinot de Souza, friburguense, tirou, em 1986, o terceiro lugar em um concurso promovido pelo jornal *O Globo*. Desde então, a tira tem saído de forma quase ininterrupta no jornal. Exatamente no dia 1º de setembro de 1986, Urbano tem anunciada a sua aposentadoria pelo seu chefe e recebe uma medalha por esse feito. Esse senhor aposentado, que trabalhou durante muitos anos em uma repartição, encontra na pracinha perto de casa o seu refúgio. E é lá que passa parte do tempo sozinho ou com seus amigos: O hipocondríaco Almeida,

o conquistador Valentim, o vovô Fonseca sempre às voltas com neto Armandinho e Dona Marlene. A pracinha, representação de um espaço clássico de mendigos, namorados, crianças e aposentados, será palco de inúmeras aventuras, passatempos, reflexões e contatos tanto com os amigos como com desconhecidos.

É Maria quem trabalha e cuida da casa e da vida desse aposentado que vive sonhando com feijoadas no lugar do mingau diário e está sempre às voltas com cuidados relativos à sua saúde e dietas. É também Maria que reage veementemente contra o aposentado que tenta partilhar com ela, em diversas ocasiões, suas incursões e lembranças junto às suas coleções. É ela quem resiste bravamente ainda contra outros tantos hábitos e manias desse personagem que a cada tira descobre novas formas de passar o tempo seja na rua (banco da praça; supermercados; feiras livres; filas de bancos; cinema etc.) ou em casa (dormindo; testando diversos inventos; etc.) e que, de alguma forma, reverbera dentro de casa traduzindo-se em constantes atritos com Maria. Urbano, além de um colecionador, preenche o seu tempo, por exemplo, como inventor e recorrentemente procura testar seus produtos com Maria e/ou nos objetos e no espaço doméstico. No entanto, é curiosamente Maria – por exemplo, na tirinha de 7 março de 1987 – quem o instiga a se ocupar mais e reforça a ideia para que Urbano se torne um colecionador.

A relação entre coleção e memória é essencial na constituição da primeira e, atrelada às ciências interdisciplinares, responde questões primordiais como o porquê colecionar e suas construções simbólicas. A problematização dos objetos como patrimônio nos permite analisar as mutações das sociedades que o produziram (Jeudy, 1990).

A coleção se coloca como uma questão importante no estudo das funções sociais da memória, e da construção coletiva desta. Ao retirar de um objeto o seu valor utilitário e agregar a ele um valor simbólico, o colecionador institui um caráter de excepcionalidade, porém o valor simbólico atribuído a um objeto inicial pode se estender por categorizações ou semelhanças. Segundo Moles (1972), um "parque" caracteriza o conjunto dos objetos em situação de "vida", ou seja, de acordo com a sua função.

Nesse sentido, os objetos de Urbano, em sua maioria podem ser categorizados sem uma funcionalidade aparente, "mortos". No entanto, a perda da função não é requisito tendo em vista que um objeto pode adquirir outra qualidade ao ser ressignificado como tal ou passar a fazer parte de uma coleção. Assim, o estatuto de inutilidade não se torna um empecilho para categorizar essas coleções tendo em vista que as formas de coleta, de catalogação, as práticas de armazenamento e de troca inserem Urbano na categoria clássica de um colecionador que é

sempre um interlocutor a presentificar a memória de um indivíduo ou de um grupo, lutando contra a dispersão das coisas e do esquecimento. Estas práticas de coleta, catalogação e troca de Urbano obedecem ainda a critérios de seleção e de atribuição de significados aos objetos que, via de regra, eles não retêm.

Diversas vezes são conferidos aos objetos de sua coleção componentes afetivos – e por vezes utilitários – quando o aposentado dota alguns deles de fetiche, por exemplo, imprimindo a esses objetos um significado intrínseco que é o de torná-los modeladores, ou seja, materialmente carregados de memória e de história. Nas palavras de Meneses (2006), Urbano, ao selecionar e colecionar determinados objetos materiais, irá nessa empreitada assumi-los como “veículos de qualificação social”. O autor recomenda retornar às relações de produção, circulação e uso para que os sentidos das relações sociais e os atributos físicos dos objetos sejam ressignificados. Mais do que isso, os objetos das coleções engendram “marcas de memória” e que, por conta da sua durabilidade, evocam o passado e a sua funcionalidade como vetores de subjetividade. Essas marcas aprofundam relações mais do que individuais, reforçam vínculos identitários espelhados nos objetos semióforos sociais.

Mas, por outro lado, por que não enxergar essa prática colecionista de Urbano como uma representação metafórica de resistência ao descarte, como uma crítica aos hábitos de consumo, à morte das coisas?

Se tanto a velhice como os aposentados são problematizados como categorias sociais (Bosi, 1994; Peixoto e Clavairolle, 2005; Barros, 2006), por que não relacionarmos os objetos inúteis e biográficos de Urbano, passíveis de descarte, com algumas representações da terceira idade e do aposentado, como improdutivas? Ou dito de outra forma: Se sempre colecionamos a nós mesmos, por que não enxergar em Urbano alguns processos de formação de subjetividade em que o inútil, o traste são valores que permeiam representações do aposentado (Gonçalves, 2007)? De que forma tanto as suas coleções de inutilidades como os seus trastes poderão ser categorizados em subconjuntos dentro de um quadro inventariado maior?

Velhice ou terceira idade: categorizando e situando os idosos e os aposentados

A expansão do conhecimento real e a correspondente retração do conhecimento fantasioso andam de mãos dadas com o aumento do controle efetivo dos acontecimentos que podem ser úteis às pessoas, ou dos perigos que podem ameaçá-las. A idade e a morte estão entre esses últimos (Elias, 2001, p. 89)

Ser velho, ser idoso, de terceira idade ou da “melhor idade”, seja qual for a denominação escolhida ou eleita e como lidamos com os significados e implicações sociais acerca da velhice, esse tema traduz de forma inexorável uma questão: a idade chega. Dessa forma, a velhice, segundo Peixoto (2006),

prescinde também, de acordo com as mudanças históricas e sociais da sociedade, de novas categorizações classificatórias tanto éticas quanto morais. “Ser velho no mundo ocidental contemporâneo, [...], remete a configurações de valores distintas de outros momentos históricos de nossa sociedade e de outras culturas” (Barros, 2006, p. 9).

Elias (2001), ao discutir a solidão dos moribundos e os processos de afastamento sofridos pelos idosos, chama a atenção para o fato de que as experiências de velhice vividas pelas famílias em sociedades mais antigas deixaram de ter significado na sociedade contemporânea. Esse espírito de banimento e de redução da experiência de “comunicabilidade da experiência” entre moribundos e a família também encontra eco em Walter Benjamin:

Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso –, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade (1985, p. 207-208).

No Brasil, a visibilidade do idoso e do processo de envelhecimento da população é cada vez mais explorada em torno de temáticas divulgadas e debatidas nos jornais diários e revistas diversas – colunas de saúde, políticas sociais, moda, sexo, serviços, etc. – bem como na divulgação das estatísticas oficiais. O avanço de crescimento dos idosos em relação aos que nascem é um dado que já faz parte das preocupações e das políticas públicas brasileiras. Essa visibilidade, nas últimas décadas, é, segundo Barros (2006), cada vez mais experimentada em nossa sociedade tanto na vida privada, como nos diversos espaços públicos.

Em 2009, segundo o levantamento efetuado pela PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), a população girava em torno de 191,8 milhões de habitantes e já contava com 21 milhões de habitantes de 60 anos ou mais de idade. Entre o período de 1999 a 2009, esse conjunto da população passou de 9,1% para 11,3%, demonstrando que esse grupo vem ocupando um lugar de destaque na sociedade brasileira (IBGE, 2010). Os dados da PNAD, com vistas a traçar um breve perfil socioeconômico, destacam alguns aspectos interessantes acerca desse contingente populacional:

As mulheres são a maioria (55,8%), assim como os brancos (55,4%), e 64,1% ocupavam a posição de pessoa de referência no domicílio. A escolaridade dos idosos brasileiros é ainda considerada baixa: 30,7% tinham menos de um ano de instrução. Pouco menos de 12,0% viviam com renda domiciliar per capita de até ½ salário mínimo e cerca de 66% já se encontravam aposentados (IBGE, 2010, p. 197).

Dados acerca da saúde dessa categoria são levantados tendo em vista que a saúde da população de idosos tem sido mais

atentamente acompanhada, em função do aumento dos índices de expectativa de crescimento. Dessa forma, os estudos do PNAD de 2008 relatam que, ao atingirem 75 anos ou mais de idade, 27% desse contingente declararam-se "incapazes funcionais", ou seja, apresentam dificuldades para caminhar 100 metros, ocasionando problemas para a realização de tarefas diárias. No entanto, na medida em que a renda *per capita* domiciliar aumenta, fica visível o decréscimo nos dados de tal evidência. Tais evidências são explicadas por uma possível aquisição de melhores serviços de saúde com acompanhamento e apoio e uma "inserção social mais ativa" (IBGE, 2010). "A noção de *velho* é, pois, fortemente assimilada à decadência e confundida para o trabalho: ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres" (Peixoto, 2006, p. 72, grifo da autora).

É interessante atentar para algumas questões levantadas por Peixoto (2006) acerca do papel do Estado e da família nesse contexto. Se o Estado contemporâneo toma para si a proteção dessa categoria, esse fato decorre não simplesmente por conta de uma transferência do papel da família – os cuidados e encargos financeiros, por exemplo, que antes eram custeados por familiares – para o Estado-protetor. Mas que, no bojo dessa transferência e do aumento da responsabilidade do Estado, o fenômeno de envelhecimento da população torna-se "um problema social". Esse fenômeno, acrescenta a autora, traz como consequência o abalo nas estruturas financeiras das empresas e nos alicerces econômicos do Estado com o *boom* das aposentadorias e com o amparo e os investimentos realizados pela Previdência Social decorrente das conquistas políticas da sociedade.

A inserção e a visibilidade dos idosos no Brasil também podem ser atribuídas em parte pelas manifestações de protestos que tomaram a cena no início da década de 1990, em que aposentados e pensionistas foram os atores principais. As manifestações, caravanas e a mobilização pelos 147% (entre os anos de 1990 e 1991), contra o arrocho dos benefícios pagos pela Previdência Social e posteriormente contra o projeto de Reforma da Previdência, têm dado uma crescente visibilidade política que repercutiu positivamente tanto nas ruas quanto na mídia em torno das lutas desse numeroso contingente (Simões, 2006).

Utilizamos aqui das ideias de Peixoto (2006) para reforçar que essa visibilidade também emerge por conta do surgimento e valorização das categorias de idoso e de aposentado. Se a primeira, ainda que criticada por teóricos por conta de sua imprecisão, traz uma conotação de respeitabilidade, a categoria de aposentado é mais positivada porque ela introduz conotações legalmente reconhecidas e socialmente instituídas:

O estabelecimento do direito à inatividade remunerada – a aposentadoria – permite a uma geração uma situação de disponibilidade e de ociosidade que se transforma em novos hábitos, em novos traços comportamentais e, portanto, em uma luta contra os estigmas de velho e velhote (Peixoto, 2006, p. 74).

No entanto, esse *status*, acrescenta a autora, pode trazer para muitos a perda do sentido de produtividade – levando-se em

conta principalmente a ideologia dos processos de trabalho na sociedade capitalista; da deterioração do corpo e do intelecto, e, nesse sentido, uma nova categorização advém daí: a do *inativo*.

Para opor-se a esse estigma, uma nova categorização surge com o intuito de representar uma velhice associada às práticas do "bem viver", "do dinamismo", "da autonomia". Ainda que não seja um termo substituto do termo velhice, a terceira idade expressa uma "mudança de natureza" de representação de um estágio na vida dos indivíduos – entre a aposentadoria e a velhice propriamente dita – que, além de merecer os cuidados necessários à saúde, alimentação, exercícios físicos, etc., introduz ainda novas regras de sociabilidade com um aparato institucional e profissionalizante específicos: atividades culturais, esportivas, sociais e psicológicas (Peixoto, 2006).

Temos aí que, se mesmo algumas dessas categorias são escolhidas em decorrência de estudos acadêmicos e teóricos, as mudanças classificatórias são uma decorrência da inserção e da visibilidade (seja positiva ou negativa) dos idosos e aposentados na vida social.

O desenrolar das políticas públicas voltadas para a velhice repercutiu nas formas de classificação das pessoas de 60 anos e mais: de "velhos" passaram a "aposentados", com a criação dos sistemas de aposentadoria; de "idosos" passivos e reclusos à vida privada se tornaram terceira idade; através do dinamismo e autonomia se transformaram em seniores, pois com a crise econômica e o desemprego dos mais jovens, os aposentados têm maior poder de consumo (Peixoto e Clavairolle, 2005, p. 35).

Ferreira (2006, p. 208), ao introduzir uma discussão acerca da memória e da velhice, apresenta preocupações existentes no âmbito da antropologia acerca do estabelecimento de quais representações sociais estão sendo formuladas sobre a velhice. Nesse sentido, a autodefinição de velhice e como a idade pode instaurar novos códigos e valores sociais podem, no dizer da autora, nos indicar, através dos processos de interação, como as classificações de faixas etárias definem identitariamente a relação desses sujeitos em relação ao seu passado.

Urbano: aposentado e colecionador

Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha finalidade de ganhar ouvidos atentos, ressonância (Bosi, 1994, p. 82).

Discutir as práticas de colecionamento de Urbano e seus liames com a memória nos remete a uma situação vivenciada por muitos indivíduos na sociedade brasileira. A análise desse personagem de tiras de HQs nos situa também dentro de uma

perspectiva de representação acerca de estratégias de afirmação e de representação social dos idosos e de seus lugares de fala, de inserção nos espaços públicos e privados e dos significados de seus hábitos e de suas lembranças materializadas por vezes nos diversos suportes de memória: os objetos de coleção.

[...] uma coleção, isto é, qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantido temporariamente ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e exposto ao olhar do público (Pomian, 1984, p. 53).

Esses objetos, dotados de excepcionalidade, por seus donos, são capazes de conduzir voluntária ou involuntariamente evocações de acontecimentos traduzidos por lembranças de um passado:

[...] a reminiscência em idosos pode ser considerada, [...], como obscurecendo a consciência das realidades do presente, mecanismo de fuga do momento atual para um passado idealizado, matizado por noções de felicidade e realização (Ferreira, 2006, p. 209).

No entanto, nosso personagem parece resistir a essa situação quando de forma sistemática seleciona, coleta, classifica e conserva objetos do presente cotidiano.

Tudo guardar, nada jogar fora. Cada objeto se vê investido de um sentido que não é mais necessariamente ligado à sua função ou a uma simbólica individual. Ele aí está antes de mais nada para não desaparecer. Virtualmente, ele representa um valor crescente tanto econômico quanto ético ou cultural. Mas esse efeito de valorização, que une o destino do objeto a uma duração indefinida, condensa o sincretismo de todos os sentidos atribuídos ao valor. O objeto não é conservado enquanto tal, é a história do valor que se vê consagrada. No marasmo da desencarnação dos valores um fato novo aparece: o valor pode ele próprio se fazer relato, história (Jeudy, 1990, p. 64).

No ano de 2010 foi iniciada a pesquisa de campo visando "verificar quais são as características de coleções de objetos 'inúteis' em um contexto de patrimônio e memória social de um personagem que representa um grande contingente da sociedade brasileira: os velhos aposentados" (Rangel, 2010, p. 8). Paralelamente a esse levantamento, são acompanhadas e analisadas as tiras do mesmo jornal diário.

Empreendemos um levantamento, uma seleção e uma investigação analítica das tiras de Urbano – O Aposentado no acervo da Biblioteca Nacional. A partir do levantamento realizado até o presente momento – desde a década de 1986 até 1991 –, desenvolvemos um *Quadro Descritivo*, apresentado abaixo, que retrata a síntese do conteúdo das tiras, com os seguintes indicadores: mês/ano; dia; localização das pastas (na Biblioteca Nacional); descrição do conteúdo da tirinha; número da tirinha; número de quadros das tiras; número de série do jornal e página/caderno (Rangel, 2011, p. 4-5).

A seleção temática obedeceu aos seguintes critérios a partir do quadro desenvolvido nas incursões junto à Bibliote-

ca Nacional: (a) primeiras tiras que contavam o nascimento do personagem e seu processo de passagem para a aposentadoria; (b) identificação de seus amigos e/ou parentes; (c) identificação das tiras onde a temática acerca da coleção aparece; (d) identificação das tiras onde aparece a temática acerca da velhice, aposentadoria e assuntos semelhantes e; (e) indexação de outras temáticas que possibilitam traçar um perfil mais acurado acerca dos hábitos e manias do personagem no seu cotidiano. O quadro possibilita a observação e análise do conteúdo textual e imagético apreendido a partir das tiras.

O *Quadro Condensado* mostrado abaixo traz os anos e os respectivos meses pesquisados e analisados e se propõe apresentar o levantamento para fins quantitativos. Esse quadro é resultado de contabilização proporcionada a partir do *Quadro Descritivo*. Neste utilizamos as seguintes categorias: mês, ano, quantidade de tiras catalogadas e referências das tiras, sendo esta última relativa à localização no acervo da Biblioteca Nacional (Rangel, 2011, p. 6-7).

Ao fazermos "um arrolamento do quadro da vida cotidiana" (Moles, 1972) de Urbano, podemos perceber que os objetos que o cercam excedem às suas necessidades. Ao listarmos as suas diversas coleções de "inutilidades", tais como: pios de aves; caixas vazias de creme dental; talheres e pratinhos descartáveis; sons exóticos; araminhos de pão de forma; carrinhos de feira; lâmpadas queimadas; rolhas de garrafas; balões vazios de festas de aniversário; pneus carecas; panfletos de rua; embalagens vazias; prospectos de produtos; escovas de dente antigas; guarda-chuvas quebrados; esponjas de limpeza antigas; bonecos birutas de lojas e postos de gasolina; cliques; porcas, parafusos e pregos velhos; tubos vazios de creme dental; pentes velhos; quentinhas vazias; *banners* de candidatos etc., percebemos que as memórias e as lembranças evocadas pelos objetos – muitos deles biográficos – imprimem, a partir das práticas colecionistas, relações espaciais e subjetivas ao mundo reordenado de Urbano. Aquelas se transformam em possibilidades de potência e de experiências de uma vida renovada para si mesmo e para o grupo que o cerca ou que ele representa.

Baudrillard (2004, p. 10) argumenta que, na nossa sociedade, os objetos cotidianos proliferaram, e que nossas necessidades se multiplicaram e que a produção acelera "o nascimento e a morte" a ponto de nos faltarem designações no nosso vocabulário. O autor nos provoca diante das *n* possibilidades de categorizações classificatórias acerca desses objetos: "Pode-se esperar classificar um mundo de objetos que se modifica diante dos olhos e chegar a um sistema descritivo? Existiriam quase tantos critérios de classificação quantos objetos [...]". Para o autor, o que interessa verificar mais do que uma classificação funcional de objetos é a relação que os sujeitos engendram com eles e quais condutas e vínculos estabelecidos resultam desse processo que reúne pessoas e coisas.

Se na contemporaneidade a produção dos artefatos funcionais nos leva à quase exaustão indicativa de insuficiência signa e simbólica desses objetos, como lidar com as coleções "cuidadosamente" trabalhadas por Urbano? Que critérios de legi-

Quadro 1. Quadro descritivo.

Chart 1. Descriptive chart.

Mês/ano	Dia	Localização das pastas / Coleção	Descrição do conteúdo da tirinha: Urbano, O Aposentado	Número de série do Jornal	Página / Caderno
Setembro/1986	1	4-031, 04,03 1986 set. (1-15)	É anunciada a aposentadoria do Urbano pelo seu chefe. Ele recebe uma medalha.	19.282	7/2° Caderno
Setembro/1986	4	4-031,04,03 1986 set. (1-15)	Mostra o Urbano falando das vantagens de ser um aposentado. Ele olha feliz para a AS. Assim que ele termina de falar cai à chuva.	19.285	9 /2° Caderno
Setembro/1986	5	4-031,04,03 1986 set. (1-15)	Mostra o Urbano sentado na praça olhando uma borboleta. Urbano diz: - Dia movimentado hoje.	19.286	5/2° Caderno
Setembro/1986	9	4-031,04,03 1986 set. (1-15)	Uma criança pergunta o que é população inativa e o pai aponta o Urbano como exemplo.	19.290	7 /2° Caderno
Setembro/1986	12	4-031,04,03 1986 set. (1-15)	Urbano está no cinema assistindo ao mesmo filme pela 4ª vez. O lanterninha pergunta se ele não quer trocar de lugar pra ver o filme por um outro ângulo.	19.293	9//2° Caderno
Setembro/1986	13	4-031,04,03 1986 set. (1-15)	Urbano fala sobre as características físicas de Oswald e demonstra grande "alegria" em encontrá-lo	19.294	9/2° Caderno
Setembro/1986	17	4-031,04,04 1986 set. (16-30)	Urbano liga para uma fábrica de folhinha e pede um calendário com todos os dias vermelhos. Porque para ele todos os dias são domingo.	19.298	7/2° Caderno
Setembro/1986	19	4-031,04,04 1986 set. (16-30)	Urbano exhibe suas medalhas para o neto que é um bebê, e afirma que netos novos são ótimos ouvintes.	19.300	9 /2° Caderno
Setembro/1986	22	4-031,04,04 1986 set. (16-30)	Mostra o Urbano na praia dizendo tudo o que ele representa para o neto; toda uma base da sua árvore genealógica e todos os picolés que o neto consegue chupar.	19.303	7/2° Caderno
Setembro/1986	23	4-031,04,04 1986 set. (16-30)	Mostra Urbano na praça, conversando com alguns pombos. Todos têm nome.	19.304	7/2° Caderno
Setembro/1986	25	4-031,04,04 1986 set. (16-30)	Urbano chama um garoto para conversar e ele diz que está com pressa. O Urbano fala que um dia ele terá tempo e não vai ter ninguém para ouvir.	19.306	9 /2° Caderno
Setembro/1986	27	4-031,04,04 1986 set. (16-30)	O barbeiro pergunta para Urbano como vai a vida de aposentado. Urbano diz que está ótima, mas no fim diz com cara de triste que não aguenta mais.	19.308	9 /2° Caderno

timidade e estatutos de valoração atribuiremos aos folhetos promocionais; aos sons diversos; aos guarda-chuvas quebrados... já que parte desses objetos componentes de suas diversas coleções não trazem em si marcas de antiguidade, "a imemorialização de um ser precedente – processo que equivale, na ordem imaginária, de elisão de tempo"? (Baudrillard, 2004, p. 83-84). É o próprio autor que nos dá a chave de interpretação desse problema tendo em vista que, abstraído da sua utilidade, o objeto torna-se "poesia":

[...] o objeto puro, privado de função ou abstraído de seu uso, toma um estatuto estritamente subjetivo: torna-se objeto de

coleção. Cessa de ser tapete, mesa, bússola ou bibelô para se tornar "objeto". Um "belo objeto" dirá o colecionador e não uma bela estatueta. Quando o objeto não é mais especificado por sua função, é qualificado pelo indivíduo: mas nesse caso todos os objetos equivalem-se na posse, esta abstração apaixonada. Um apenas não lhe basta: Trata-se sempre de uma sucessão de objetos, num grau extremo, de uma série total que constitui seu projeto realizado (Baudrillard, 2004, p. 94-95).

Assim, mais do que perda de funcionalidade, a paixão por "cacarecos" ou "inutilidades" coletados e colecionados por Urbano modeliza poeticamente um tipo de organização subjetiva

Quadro 2. Quadro condensado.
Chart 2. Condensed chart.

Mês	Ano	Quantidade de tiras catalogadas	Referências das tiras (Acervo BN)
Setembro	1986	9	4-031,04,03 1986 set. (1-15)
Outubro	1986	15	4-031,04,05
Novembro	1986	11	4, 031, 04,05 1986 out. (1-15)
Dezembro	1986	13	4, 032, 04,02 1986 dez. (1-15)
Janeiro	1987	9	4, 032, 04,04 1987 jan. (1-15)
Fevereiro	1987	12	4, 032, 04,06 1987 fev. (1-15)
Março	1987	13	4, 032, 04,09 1987 mar. (16-31)
Maio	1987	6	4, 033, 04,03 1987 maio (1-15)
Julho	1987	2	4, 033, 04,07 1987 jul.(1-15)
Agosto	1987	6	4, 033, 04,09 1987 ago.(1-15)
Setembro	1987	4	4, 034, 04,01 1987 set. (1-15)
Outubro	1987	4	4-034, 04,03 1987 out. (1-15)
Novembro	1987	2	4, 034, 04,05 1987 nov.(1-15)
Janeiro	1989	3	4,037, 03,01 1989 jan.(1-15)
Fevereiro	1989	6	4, 037, 03,03 1989 fev.(1-15)
Março	1989	2	4, 037, 03,05 1989 mar. (1-15)
Abril	1989	1	4, 037, 03,08 1989 abr. (16-30)
Maio	1989	1	4, 037, 03,10 1989 maio (16-31)
Julho	1989	6	4, 038, 03,03 1989 jul.(16-30)
Agosto	1989	2	4, 038, 03,05 1989 ago.(16-31)
Outubro	1989	1	4, 038, 03,09 1989 out. (16-31)
Dezembro	1989	3	4-039, 03,03 1989 dez. (16-31)
Janeiro	1990	25	4, 039, 03,03 jan. (01-15; 16-22; 24-31)
Fevereiro	1990	25	4, 039, 03,05 fev. (01-15; 16-28)
Março	1990	12	4, 039, 03,07 mar. (01- 03; 05-15)
Agosto	1990	10	Cpr-spr 00054 (microfilmado) - Ago. (11-20)
Setembro	1990	20	Cpr-spr 00054 (microfilmado) - set. (1-10; 11-29)
Novembro	1991	8	Cpr-spr 00054 (microfilmado) - Nov. (21-29)
			TOTAL: 243 TIRAS

traduzida na posse de objetos inúteis que o remetem a si mesmo e ao seu grupo. Curiosamente, nem todas as coleções de Urbano o remetem ao passado, dando, assim, um sentido de resistência tanto às coisas (objetos) como a ele próprio (aposentado; "inútil"; inativo). A coleção de Urbano possui certa ausência de fatos que nem sempre serão objetos de narração. Está é uma coleção que constitui um caráter peculiar de aceitação e está fundamentada somente no amor que o seu dono nela coloca. As unidades se transportam para a forma material de acordo com a personalidade existente no desenvolvimento desta atitude. As memórias de Urbano não são expostas de forma convencional, através de fatos, contos ou escritos. A inteligência deste personagem proporcionou o desenvolvimento de uma criatividade baseada em objetos concretos não utilitários para que a sua essência e o seu lugar na vida (social e cultural) pudessem ser mostrados e contextualizados através desses recursos imagéticos, que são os objetos de sua coleção (Bosi, 1994).

Assim, podemos indagar se os objetos colecionados por Urbano podem ser considerados como um retrocesso à narração? Urbano revive a narração através da apresentação e da explicação da sua coleção fazendo com que aquele que o "escuta" (ou usufrua de sua coleção) mantenha também uma relação de memória com a coleção. Ele se torna o narrador de toda a sua vida com o auxílio da sua coleção para que esta não perca o sentido.

Entre os seus objetos biográficos (aqueles que envelhecem com o seu possuidor e se incorporam à sua vida) e os seus objetos protocolares (aqueles que são valorizados pelo modo, são passageiros, não se enraízam nos interiores, nem morrem com os seus donos) (Bosi, 1994, p. 442), Urbano relaciona-se com a sua coleção de forma íntima, cujo valor é existente para si como um colecionador.

No entanto, este dilema está além do óbvio dilema do colecionador, pois os objetos do Urbano são colecionáveis por uma lógica onde a maior parte não representa um material usual, são objetos descartados, fora de uso. Contudo, são estes mesmos artefatos que povoam a memória do personagem. A ideia de simplicidade e despojamento é presente quando se analisa a coleção de Urbano, pois diversos objetos são estranhos à sua prática social. Se diagnosticarmos sua coleção como excêntrica, podemos perceber o processo ao qual o Urbano está inserido, ou seja, o colecionador e a sua coleção estão acima do conceito de excentricidade que extrapola o ideal sentimental presente em cada objeto.

Considerações finais

O personagem Urbano surge no contexto da reforma estrutural da Previdência Social. A reforma estruturou-se com uma proposta de contribuição a partir de duas variáveis: o tempo de contribuição, que seria estendido, e a idade do trabalhador. Silvério, o cartunista do personagem, mostra de forma sutil a implicação dessas variáveis na sociedade. Como exemplo desse

comportamento, citamos uma tirinha em que o tema é abordado: frente a uma pergunta de um menino que quer saber o que é a população inativa do país, seu pai, como resposta, aponta simplesmente para Urbano.

A partir da análise das tiras do Urbano e do estudo do ambiente social da época até então pesquisada, torna-se evidente o contexto no qual o personagem Urbano está inserido. Desta forma, é possível evoluir com esse personagem, através do seu cotidiano e de sua progressiva trajetória de trabalhador a aposentado inativo. Assim, é possível perceber alguns percalços que englobam a vida dos idosos e conhecer aos poucos os objetos que irão fazer parte da sua coleção de "inutilidades".

Igualmente, viajar pelos lugares através dos cartões-postais; recontar e/ou recuperar fatos por meio de prospectos de propaganda para seus amigos; compartilhar com a estátua viva na pracinha as músicas de sua coleção de caixinhas de música; colocar no presépio de natal seus soldadinhos de chumbo etc. são formas de estreitamento, de afirmação de uma identidade e de uma "pacífica impressão de continuidade". Essa impressão, por sua vez, encontra-se reforçada pela "companhia das coisas que envelhecem conosco", no dizer de Bosi (1994, p. 441), já que a coleção tem o poder de representar o indivíduo, fazendo com que o objeto se perpetue como um fator de ligação entre o indivíduo representado e o mundo que o cerca.

Da mesma forma, essas representações podem ser analisadas, por nós pesquisadores, sob a ótica informacional propiciando-nos chaves de leitura dentro de um quadro maior da sociedade brasileira: o de idoso aposentado e estigmatizado por vezes como "inútil". Urbano com seus objetos e seus amigos resiste contra Maria e contra todos aqueles que os tentam enquadrar no espaço da precariedade (Bauman, 2001) e do desmanche (Silveira, 2010). Nutrindo-se ora do passado, ora do presente, ao coletar nas ruas da grande metrópole os diversos objetos que carregam as marcas do perecível, Urbano faz de sua casa um "memorial", onde patrimonializa descartes: "Numa época em que as tecnologias do virtual seduzem tanto, talvez seja estimulante e provocativo um chamamento às materialidades menos-prezadas do mundo efetivamente vivido" (Silveira, 2010, p. 18).

Referências

- BARROS, M.M.L. de (org.). 2006. *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 236 p.
- BAUDRILLARD, J. 2004. *O sistema dos objetos*. São Paulo, Perspectiva, 230 p.
- BAUMANN, Z. 2001. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 258 p.
- BENJAMIN, W. 1985. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: W. BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, p. 197-221. (Obras Escolhidas, Volume 1).
- BOSI, E. 1994. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 15ª ed., São Paulo, Cia das Letras, 484 p.
- CHAUÍ, M. 1994. Os trabalhos da memória. In: E. BOSI, *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 15ª ed., São Paulo, Cia das Letras, p. 17-33.

- ELIAS, N. 2001. *A solidão dos moribundos: seguido de "Envelhecer e morrer"*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 107 p.
- FERREIRA, M.L.M. 2006. Memória e velhice: do lugar da lembrança. In: M.M.L. de BARROS (org.), *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, p. 207-222.
- GONÇALVES, J.R.S. 2007. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro, Departamento de Museus e Centros Culturais. (Coleção Museu, Memória e Cidadania), 256 p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2010. Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira (2010). *Estudos & Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica*. Rio de Janeiro, IBGE, 317 p.
- JEUDY, H.-P. 1990. *Memórias do social*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 146 p.
- MANGUEL, A. 2001. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo, Companhia das Letras, 358 p.
- MENESES, U.T.B. de. 2006. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço. *Estudos Históricos*. Disponível em: www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/238.pdf. Acesso em: 02/12/2006.
- MOLES, A.A. 1972. Objeto e comunicação. In: A.A. MOLES, *Semiologia dos objetos*. Petrópolis, Vozes, p. 9-41.
- PEIXOTO, C.E.; CLAVAIROLLE, F. 2005. *Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 140 p.
- PEIXOTO, C.E. 2006. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: M.M.L. de BARROS (org.), *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, p. 13-34.
- POMIAN, K. 1984. Coleção. In: F. GIL, *Memória-História*. Porto, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, p. 51-86.
- RANGEL, L.A. 2010. *Entre manias e cacarecos: os objetos de coleção de Urbano – O Aposentado*. Rio de Janeiro, Subprojeto de Pesquisa, UNIRIO, 15 p.
- RANGEL, L.A. 2011. Entre manias e cacarecos: os objetos de coleção de Urbano – O Aposentado. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIRIO, 10, Rio de Janeiro, 2011. *Anais...* Rio de Janeiro, p. 1-10.
- RIBEIRO, L.B. 2006. *Mais do que posso contar: coleções, imagens e narrativas*. Rio de Janeiro, UNIRIO/PPGMS, Projeto de Pesquisa, 62 p.
- RIBEIRO, L.B.; OLIVEIRA, C.I.C. de; WILKE, V.C.L. 2009. *Informação e memória no contexto de práticas culturais*. Rio de Janeiro, UNIRIO/DPTD/PPGMS. Projeto de Pesquisa. EDITAL MCT/CNPq nº 14/2009 UNIVERSAL, 16 p.
- SILVEIRA, F. 2010. *O parque dos objetos mortos: e outros ensaios de comunicação urbana*. Porto Alegre, Armazém Digital, 126 p.
- SIMÕES, J.A. 2006. "A maior categoria do país": o aposentado como ator político. In: M.M.L. de BARROS (org.), *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, p. 13-34.

Submetido: 30/09/2011

Aceito: 09/10/2011